

História da Educação Brasileira

Marcos Silva



AD

**São Cristóvão/SE
2009**

História da Educação Brasileira

Elaboração de Conteúdo

Marcos Silva

Projeto Gráfico e Capa

Hermeson Alves de Menezes

Diagramação

Neverton Correia da Silva

Reimpressão

Copyright © 2009, Universidade Federal de Sergipe / CESAD.
Nenhuma parte deste material poderá ser reproduzida, transmitida e gravada por qualquer meio eletrônico, mecânico, por fotocópia e outros, sem a prévia autorização por escrito da UFS.

**FICHA CATALOGráfICA PRODUZIDA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

Silva, Marcos.
S586h História da educação brasileira / Marcos Silva --
São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, CESAD,
2009.

1. Educação - Brasil - História. I. Título.

CDU 37(81)(091)

Sumário

AULA 1	
A cientificidade da História da Educação.....	07
AULA 2	
Origens e desenvolvimento da escola moderna.....	23
AULA 3	
A revolução da prensa gráfica.....	37
AULA 4	
Concepção moderna de infância e educação.....	51
AULA 5	
A educação na América Portuguesa.....	65
AULA 6	
Educação escolar na época do Império Brasileiro.....	83
AULA 7	
A educação escolar no Brasil republicano: da proclamação da República ao Estado Novo.....	101
AULA 8	
A educação escolar no Brasil republicano: da redemocratização em 1945 ao fim da Ditadura Militar.....	119
AULA 9	
A educação brasileira nos dias atuais.....	137
AULA 10	
Cultura infantil na época contemporânea.....	155

A CIENTIFICIDADE DA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

META

Explicar a posição da História da Educação dentro do universo das Ciências Humanas e Sociais, especificamente na História.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:
definir o caráter científico da História da Educação;
historiar o surgimento e evolução da disciplina no Brasil;
justificar a importância do estudo da História da Educação.

PRÉ-REQUISITOS

Para esta aula você precisa de noções básicas de Teoria da História.



EVOLUÇÃO HISTÓRICA DA EDUCAÇÃO NO BRASIL

Muito bem, companheiro(a)!

Aqui iniciamos uma jornada que tem como objetivo maior demonstrar-lhe a importância de conhecer a evolução histórica da Educação no Brasil. Quero que você entenda a educação em duas dimensões; uma mais abrangente, que diz respeito à transmissão dos padrões culturais. Outra mais restrita, que se limita ao aspecto escolar. Esta nossa disciplina comumente é estudada nos Cursos de Pedagogia, um dos conhecimentos mais importantes na formação de pedagogos(as), em que a ênfase recai no contexto educacional formal, institucionalizado, a partir das escolas. No entanto, como estamos tratando de um curso de História o realce deve ser outro. Com certeza, para o historiador, conhecer os processos amplos de transmissão da cultura é muito mais importante do que se concentrar apenas no perfil escolar. Assim, estudar educação no sentido lato sensu (abrangente) significa analisar como as grandes instâncias de transmissão cultural têm influenciado a vida das pessoas na civilização Ocidental.

Você deve concordar comigo que, a partir dos tempos modernos, as mídias (meios de comunicação) se transformaram em importante organismo de informação, difusão cultural e moldagem dos indivíduos. Vamos enfatizar, então, o potencial educacional dos meios de comunicação sem deixar, também, de dar um vislumbre na evolução histórica de nosso sistema formal de educação. Ao todo, trataremos dos seguintes pontos principais: iniciaremos apresentando como se situa a História da Educação diante de nossa ciência, a História; a seguir apresentaremos os fundamentos da Educação Moderna; depois demonstraremos como os meios de comunicação de massa se tornaram determinantes na educação das sociedades modernas; após isso, estabeleceremos uma pequena história da criança, principal objeto do processo educacional e, por fim, analisaremos a história da educação formal no Brasil com vistas a entendermos como se deu a constituição de nosso sistema educacional.

Esta nossa primeira aula é um pouco teórica, mas, necessária, tendo em vista que você precisa conhecer a constituição histórica de nosso campo de estudo, suas ênfases temáticas, sua situação institucional atual e importância como disciplina que deve contribuir para a crítica dos processos alienantes de formação dos indivíduos em nossa sociedade. Boa leitura!

UMA MERA QUESTÃO DE PONTOS DE VISTA?

Todos nós possuímos, consciente ou inconscientemente, uma explicação para as principais questões que afligem o ser humano. Esta orientação geral para a existência nos informa acerca do significado da vida, o sentido da história, o estado do homem na morte e tantas outras questões fundamentais. A este conjunto de pressupostos básicos que norteiam a existência dos indivíduos, tanto nas grandes perguntas existenciais quanto nas coisas do cotidiano, dá-se o nome de “cosmovisão” ou “visão de mundo”.

As cosmovisões são herdadas pelos indivíduos de acordo com o ambiente em que ele nasce e se forma. Assim, a cosmovisão de um indiano permite-lhe ter um sentimento de adoração diante de uma vaca, considerado um animal sagrado na Índia, enquanto um estancieiro gaúcho pode ver em tal animal apenas uma propriedade que poderá ser negociada ou até mesmo virar churrasco em um final de semana.

Observe que uma cosmovisão é um marco perceptual e é construída socialmente. Formam as lentes com as quais enxergamos a realidade. Ora, uma lente pode nos ajudar a ver melhor determinados aspectos, mas também pode dificultar a observação de outras dimensões da realidade.



Gravura de Flamarion (século XIX) ilustrando a cosmologia da Terra plana. Essa está centrada na aldeia do observador, o que deriva da experiência cotidiana. À esquerda, vê-se um “curioso” que procura romper a esfera das estrelas fixas com o objetivo de descobrir os mecanismos que produzem o movimento do Sol, da Lua e dos planetas (Fonte: <http://www.scielo.br>).

Desta forma, é possível perceber que nós não escolhemos o mundo no qual nascemos. Tudo está previamente definido para as pessoas quando nascem e esta visão de mundo lhes é imposta, tanto pela socialização primária, desenvolvida sobretudo no seio da família, quanto pela socialização secundária, cuja principal responsável é a escola. Poucas pessoas estão em condições de redefinir os conceitos prévios que lhe foram impostos no processo de transmissão da cultura. As consequências da imersão dos indivíduos em um determinado universo cultural são tremendas, e não vou abordá-las agora.



Karl Mannheim

Sociólogo judeu nascido na Hungria. Este autor foi reconhecido internacionalmente devido ao trabalho na área da *sociologia do conhecimento*.

O campo de estudo que demonstra a origem social de cada idéia chama-se “Sociologia do Conhecimento”, cujo representante mais eminente foi o sociólogo judeu **Karl Mannheim** (1893 - 1947). Nas sociedades modernas intensificou-se a exposição dos indivíduos a diferentes maneiras de olhar o mundo. Isto provocou um relativismo exacerbado na mentalidade do homem moderno. Porém, nesta sociedade pluralista em que vivemos para estarmos satisfatoriamente conscientes, para termos a capacidade de avaliar a vida e manter uma comunicação eficaz é necessário ter consciência não apenas de nosso modo de pensar, mas também do modo de pensar das outras pessoas, para que possamos entendê-las.

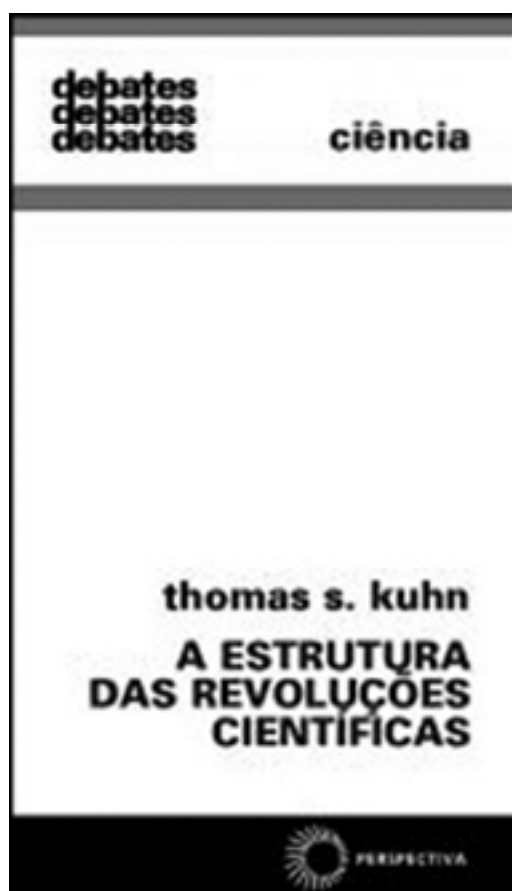
Assim, quero mostrar-lhe que todos os indivíduos estão sujeitos a esses condicionamentos da consciência, até mesmo os cientistas em seu trabalho de procurar entender e explicar os mais diversos aspectos da realidade, seus objetos de estudo. Os cientistas também trabalham com um conjunto de concepções de explicação da realidade; também previamente construídas e que facilitam, por um lado, e dificultam por outro, a observação da realidade.

A esse conjunto de fundamentos com os quais os cientistas trabalham para entender e explicar seu objeto de estudo, dá-se o nome de “paradigma”. Grosso modo, o paradigma seria uma espécie de cosmovisão extremamente especializada que norteia os cientistas em seus trabalhos de pesquisa. O conceito de paradigma foi desenvolvido por um epistemólogo, teórico das ciências, chamado **Thomas Kuhn**, em 1962. Em seu livro “A Estrutura das Revoluções Científicas”, ele propôs uma teoria para explicar o desenvolvimento da ciência, segundo a qual, esta evolui por meio de revoluções. A um período de funcionamento normal da ciência, regido por uma estrutura teórica consensual de explicação da realidade, compartilhada por uma comunidade de cientistas, segue-se um período de revolução, de transformação no modo de estes entenderem o real.



Thomas Kuhn,

Nasceu (1922-1996) em Ohio, EUA. Foi um físico cujo trabalho incidiu sobre história e filosofia da ciência.



Capa do livro *A estrutura das revoluções científicas*, de Thomas Kuhn, publicado em 1962.

EPISTEMOLOGIA é a disciplina filosófica que estuda os diferentes ramos do saber científico, procurando explicar seus princípios de funcionamento, métodos, evolução histórica, relação com outros ramos do saber e práticas. É a teoria da ciência.

Assim, perceba que se o cidadão comum para se guiar na existência é regido por uma cosmovisão, o cientista para se conduzir em seu trabalho é orientado por um paradigma. Este é um conjunto de pressupostos que regem as atividades de uma comunidade científica em uma determinada época, prescreve suas teorias e metodologias, ou seja, o crer e o fazer de quem lida com a Ciência.

O historiador, sendo o cientista que estuda o passado da humanidade com o objetivo de explicar a conformação sociopolítica e econômico-cultural do presente, também trabalha de acordo com determinados “paradigmas”, ou seja, modelos teórico-metodológicos da História. As diversas correntes de interpretação da história constituem as referências com as quais determinadas comunidades de historiadores trabalham, ou seja, são conduzidos em suas crenças e práticas. São os modelos, as diferentes estruturas conceituais utilizadas para interpretar o passado.



ATIVIDADES

Abaixo segue um esquema gráfico que você deverá completar com informações básicas sobre as diferentes correntes de interpretação da história.

	ESCOLAS HISTÓRICAS					
	HISTORICISMO	POSITIVISMO	MATERIALISMO DIALÉTICO	ESCOLA DOS ANNALES	NOVA HISTÓRIA	HISTÓRIA CULTURAL
PRINCIPAIS REPRESENTANTES						
PRINCIPAIS ENFOQUES						

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

A história é uma construção humana que é feita de acordo com a concepção de mundo de cada historiador, especialmente sua assimilação de tempo histórico. Desta forma, para entender a história é preciso conhecer a perspectiva sob a qual o historiador trabalhou. A partir do século XIX, quando a história se constituiu como ciência, diversas teorias gerais procuraram explicar o processo histórico. Nesta tarefa, você terá a oportunidade de pesquisar a respeito das principais correntes de interpretação da história. Assim, dá para perceber que esta é uma tarefa imprescindível para o estudante que se defronta com o início de um curso de história. A partir de então, você estará capacitado(a) a ler o relato histórico, compreendendo os pressupostos com os quais trabalharam cada historiador. Obviamente, sua compreensão da história crescerá, à medida que você perceber os conceitos básicos que serviram, para o historiador, como instrumento de interpretação da realidade.

O desafio é sistematizar a estrutura de explicação de cada escola histórica (principais representantes, conceitos fundamentais, concepção de tempo. Para tanto, você poderá recorrer aos materiais das aulas de Introdução à História e também poderá fazer uma

pesquisa básica na Internet, utilizando como palavras de pesquisa o nome das correntes históricas.

Observe que a corrente “positivismo” de nosso quadro não diz respeito ao Positivismo de August Comte mas, à corrente historiográfica que se concentra, dentre outros aspectos, em documentos escritos oficiais como a fonte histórica principal.

Percebam que as diversas correntes de interpretação da história se caracterizam por diferentes maneiras de explicar e entender a realidade e o funcionamento da história. Cada corrente historiográfica é um marco perceptual, corresponde a uma lente que amplia alguns aspectos, ofusca outros e contribui para enxergar o processo histórico de uma determinada maneira.

Assim funciona a história, cujo estatuto epistemológico, pelo menos entre nós historiadores, não é questionado. Mas, e a História da Educação? Seria conduzida também por um arcabouço teórico básico? Seus estudos devem estar afeitos ao campo da História ou da Educação? Possui ela um objeto de estudo suficientemente delimitado, uma metodologia específica e uma comunidade de cientistas que lhe dão razão de ser institucional?

HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO: CIÊNCIA DA EDUCAÇÃO OU HISTÓRIA?

Afinal, por que estamos perguntando a respeito da cientificidade da História da Educação? Primeiro porque essa é uma grande preocupação entre os historiadores da Educação no Brasil de hoje. Isso se deve ao fato de que o campo disciplinar está em fase de definição de seu estatuto epistemológico. Por outro lado, a História da Educação é vítima de uma espécie de marginalização pelos historiadores de ofício, aqueles que alguns professores de nosso Departamento de História da UFS (Universidade Federal de Sergipe) chamam de “puro sangue”.

Segundo levantamento feito por Francisco José Calazans Falcon em livros que fazem um balanço da historiografia ocidental, a partir da década de 1970, foi constatada a ausência quase total de trabalhos de historiadores abordando temas educacionais. Mesmo entre os grandes historiadores europeus, os propugnadores de uma nova história e da ampliação de seus objetos de estudo, o tema é abordado apenas periféricamente. No Brasil, obras como *Domínios da História*, de Ciro Flamarion Cardoso e Ronaldo Vainfas também se destacam por ignorar totalmente a história da educação. Porém, no final da

década de 1990, Marcos Cezar Freitas organizou um volume, publicado pela editora Contexto, intitulado *Historiografia Brasileira em Perspectiva* em que Marta Maria Chagas de Carvalho apresenta um capítulo intitulado “A Configuração da Historiografia Educacional Brasileira”.



Capa do livro *Domínios da História*, de Giro Flamarion Cardoso e Ronaldo Vainfas.

Na realidade muitos discutem se a História da Educação deve ser vista como uma especialidade, uma espécie de ramo da História ou deve ser estudada como uma disciplina acadêmica que compõe o campo composto das “ciências da educação”. A favor da identificação da História da Educação como uma especialidade da História está o desenvolvimento da História Cultural. Isto porque, segundo alguns, o cultural é tão central na análise da realidade que o mesmo se dissolve nas instâncias

econômica, política e social qual “a água no açúcar”. Ora, a educação é a grande responsável pela transmissão cultural, não podendo o historiador negligenciar os diversos processos de formação dos indivíduos, quer em seu aspecto amplo, quer no aspecto restrito.

Para você entender esta atual indefinição epistemológica da História da Educação, é importante conhecer um pouco da história da disciplina. A História da Educação constituiu-se em campo de estudo ao final do século XIX na França e Alemanha. Em 1891, tornou-se disciplina de estudo em uma Universidade, pela primeira vez, em Harvard, nos Estados Unidos. O seu desenvolvimento inicial foi ligado ao campo da educação e como disciplina auxiliar da Filosofia da Educação.

No Brasil, desde a segunda metade do século XIX que se encontram trabalhos historiográficos que tomam a educação como objeto de estudo. Recebendo forte influência do tipo de historiografia praticado pelos membros do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, podemos identificar no folclorista paraense **Frederico José de Santa-Anna Nery** (1848 – 1901), o primeiro escritor a dedicar, em 1884, um artigo exclusivo, escrito em francês, sobre a instrução pública no Brasil. O primeiro livro sobre história da educação brasileira foi publicado em 1889 pelo médico José Ricardo Pires de Almeida, intitulado “História da Instrução Pública no Brasil (1500-1889)”. O interessante nesta obra é que o escritor, que possuía amplo acesso aos arquivos do poder legislativo brasileiro, baseando-se em fontes oficiais, afirmava que o evento fundador da educação no Brasil foi a chegada da família real portuguesa ao Brasil, em 1808. Assim, fica bem caracterizada a postura positivista destes primeiros historiadores da educação brasileira.

No início do período republicano destacaram-se os trabalhos de Júlio Afrânio Peixoto (1876-1947); Primitivo Moacyr (1868-1942) e de Fernando de Azevedo (1894-1974). Este último, através da obra “A Cultura Brasileira”, lançada em 1942, que se dividia em três partes, no volume “A Transmissão da Cultura”, lançou os fundamentos de uma interpretação da história da educação brasileira que marcou a historiografia do campo, centrada no desenvolvimento das instituições educacionais nacionais e na preocupação de constituição de um sistema nacional de ensino. Não pode deixar de ser mencionado que o autor aproveitou para consumir a visão polarizada de dois projetos educacionais para o país, o dos tradicionalistas, representados por católicos e setor privado de ensino e o dos renovadores, cujos defensores foram os intelectuais responsáveis pelo Manifesto dos Pioneiros da educação nova, de 1932.



Frederico José de Santa-Anna

Barão de Santa Anna Nery, foi um intelectual e historiador brasileiro.



Educação - Órgão da Diretoria Geral do Ensino de São Paulo V. VI Jan./Fev./Mar., n. 1, 2 e 3, 1932. Este número da revista Educação tornou-se notável com a publicação do Manifesto dos Pioneiros com o título: “A Reconstrução Educacional no Brasil” (Ao povo e ao governo), p. 3-31, redigido por Fernando Azevedo e assinado por vários educadores ilustres que defendiam as idéias da chamada Escola Nova. (Fonte: <http://www.crmariocovas.sp.gov.br>).

Foram estes intelectuais da Educação (Anísio Teixeira, Fernando de Azevedo, Afrânio Peixoto, Júlio de Mesquita Filho, Paschoal Lemme e outros) os responsáveis por tornar a História da Educação, a partir da década de 1930, disciplina obrigatória dos cursos de formação de professores no Brasil. Na realidade, a disciplina criada pelos escolanovistas foi “Filosofia e História da Educação”, ficando a segunda disciplina subordinada à primeira. O objetivo da disciplina era utilitário, devendo contri-

buir na formação moral dos futuros professores. Também seu magistério foi dominado por indivíduos de formação religiosa e filosófica, oriundos principalmente do seio do catolicismo.

**Fernando
Azevedo**



**Anísio
Teixeira**



Afrânio Peixoto



Paschoal Lemme



Após esta entrada enviesada nos currículos escolares brasileiros, a História da Educação encontrou uma melhor valorização na Faculdade de Educação da USP (Universidade de São Paulo), assumindo feições de ensino superior. Num período de tempo que vai da década de 1940 até a década de 1960, através de figuras como Laerte Ramos de Carvalho e Roque Spencer Maciel de Barros, desenvolveu-se um amplo projeto de pesquisas, visando construir uma História da Educação Brasileira fundamentada em novas fontes documentais e que efetivamente conferisse identidade a este campo de estudo no Brasil.

O próximo passo importante nesta história foi o surgimento dos Programas de Pós-Graduação em Educação, a partir do final da década de 1960 e início da década de 1970, onde a História da Educação se estabeleceu como importante linha de pesquisa. Os primeiros programas de Pós-Graduação em Educação foram o da PUC (Pontifícia Universidade Católica) do Rio de Janeiro e o da PUC (Pontifícia Universidade Católica) de São Paulo. Logo em seguida veio o da USP (Universidade de São Paulo), em 1971.

O desenvolvimento da pós-graduação em Educação desembocou na criação em 1976 da ANPED (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação), entidade que visa à consolidação da pesquisa em Educação no Brasil e que tem como uma de suas principais áreas temáticas a História da Educação. Outros importantes passos no desenvolvimento institucional da História da Educação no Brasil foram: a criação, em 1986, do HISTEDBR (Grupo de Estudos e Pesquisas História, Sociedade e Educação no Brasil) na Faculdade de Educação da UNICAMP (Universidade de Campinas) sob o comando do Prof. Dermeval Saviani e a criação, em outubro de 1999, da Sociedade Brasileira de História da Educação (SBHE).



ATIVIDADES

Faça uma pequena viagem pela Internet e visite o Site destas principais instituições que detêm o controle dos estudos da História da Educação no Brasil. A partir daí, procure determinar quais os principais historiadores da Educação em atuação no país e suas filiações ideológicas.

1. <http://www.anped.org.br/>
2. <http://www.histedbr.fae.unicamp.br/>
3. <http://www.sbhe.org.br/>

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Talvez você encontre alguma dificuldade para chegar a um resultado conclusivo nesta tarefa, devido à complexidade e a amplitude dos conteúdos que irá encontrar. Porém, será útil para você avaliar a natureza e riqueza da produção historiográfica na especialidade da História da Educação no Brasil. Uma sugestão interessante para você decifrar as filiações ideológicas dos principais historiadores da educação no Brasil é, após determinar os mais presentes tanto na direção das entidades quanto na produção, consultar seus respectivos currículos na Plataforma Lattes do CNPq. <http://lattes.cnpq.br/>
Bom trabalho!

Como você pode observar por este pequeno histórico a História da Educação no Brasil é um campo institucionalmente consolidado, no entanto, tem todo seu desenvolvimento atrelado às pesquisas em Educação. Quais os problemas e dilemas que este histórico traz para este campo de estudos? Inicialmente é possível perceber que os historiadores tradicionais, chamados de ofício, consideram a História da Educação uma história secundária, posto que tem sido praticada por indivíduos oriundos de outros campos de estudos.

Mas, os problemas teórico-metodológicos da História da Educação não se restringem a isso. Apesar da sua marginalização em relação ao campo histórico não há como negar que ela é uma especialidade da história. E como tal deve seguir as mesmas orientações da teoria e da metodologia. Assim, os historiadores da educação também adotam os paradigmas historicistas, as chamadas correntes teórico-metodológicas que vocês estudaram acima, como seu marco perceptual, seu ponto de referência que lhes fornece as categorias ou conceitos com os quais eles analisam e interpretam a realidade educacional no Brasil. Deste modo, os

estudiosos da História da Educação no Brasil estão nitidamente divididos em dois grupos de filiação teórico-metodológica: os de orientação materialista dialética e os que se pautam pela nova história, notadamente a vertente cultural.

Segundo o Prof. Elomar Tambara, da Universidade Federal de Pelotas, esta relação ideologizada com o objeto de estudo não contribui para uma compreensão mais efetiva da realidade investigada. Como acontece com o estudo da história, prevalecem em determinados momentos, modismos que canalizam as opções teórico-metodológicas dos estudiosos da educação no Brasil. Ou seja, como um campo de estudos institucionalmente constituído, os estudos e pesquisas em História da Educação no Brasil estão sujeitos a relações de poder que muitas vezes condicionam até as escolhas temáticas e determinam o sucesso ou não de algumas empreitadas de estudos.

Por outro lado, a História da Educação no Brasil tem sido praticada muito presa ao aspecto formal da educação, ou seja, os estudos se atêm à análise do fenômeno escolar. Olvidam-se os contextos educativos informais como as associações, igrejas, clubes, família e também a função formativa dos meios de comunicação de massa. Penso que este enfoque deve mudar à medida que se percebe a crescente influência dos meios de comunicação de massa na constituição dos indivíduos no mundo contemporâneo.

É exatamente a partir dessa constatação que pretendo demonstrar a importância do estudo da História da Educação para a atualidade, ou seja, numa “sociedade pedagógica”, a chamada “sociedade aprendente” ou “sociedade do conhecimento” é essencial que as pessoas aprendam a relativizar e criticar as diferentes propostas educativas. Isso só será possível à proporção que conheçam as proposições educacionais que historicamente já têm demonstrado seus resultados. Assim, a história da educação servirá de locus privilegiado para a crítica e reflexão em torno dos problemas educacionais e de formação, quer em sentido restrito quanto amplo, que afligem a sociedade contemporânea

CONCLUSÃO

Bem, companheiro(a)! Procurei apresentar uma perspectiva de estudo da História da Educação que possa efetivamente despertar o interesse dos estudantes de História. Para mim, você precisa compreender a educação como o instrumento mais adequado para a transmissão da cultura. Quando pensamos em educação formal, escolarizada, temos que considerar que esta é uma instituição surgida nos tempos modernos exatamente para exercer a mediação entre as gerações mais velhas e as mais novas em função da transferência do patrimônio cultural da humanidade para os mais jovens.

À educação escolar têm se dedicado majoritariamente os estudiosos da história da educação ligados ao campo educacional. Nada impede do historiador estudar esta instituição e perceber sua influência e centralidade na civilização Ocidental contemporânea. No entanto, um fenômeno educacional muito mais abrangente também cobra a atenção dos historiadores, diz respeito ao universo da comunicação e seu trabalho ininterrupto de constituição das subjetividades, de formação dos sujeitos, a partir do século XV.

Você perceberá que a cada momento histórico corresponde um determinado projeto de formação dos indivíduos. Tanto a escola como as mídias se aliam então na tarefa de produção deste sujeito necessário ao desenvolvimento social e à manutenção das estruturas de poder vigentes.

Assim, impõe-se uma postura crítica em relação aos mais variados modelos de formação. Qual deles efetivamente contribui, na medida do possível, para a construção de um sujeito autônomo ou quais reforçam os laços de subordinação das pessoas e corroboram para a sua alienação? Como preservar e transmitir não somente as culturas hegemônicas, mas também as subordinadas historicamente? Bem, são questões que somente poderão ser compreendidas à luz de um estudo das diferentes propostas educacionais de formação dos sujeitos e transmissão cultural.



RESUMO

Nesta aula você foi apresentado ao conceito de cosmovisão e viu sua ligação com a idéia de paradigma científico. Em função disso, apresentei-lhe os “paradigmas da História”, ou seja, as correntes teórico-metodológicas que orientam os historiadores na sua tarefa de reconstruir o passado. Após isso, foi possível fundamentar a compreensão do estatuto epistemológico da História da Educação, reconhecendo-a como uma especialidade da História. Assim, esta disciplina também é construída a

partir das mesmas referências conceituais com as quais se estuda a História. Apresentei um pequeno histórico da História da Educação no Brasil, desde o século XIX até a sua consolidação como um campo de estudo institucionalmente organizado e levantei alguns problemas para a pesquisa neste campo no país. Sobretudo, tentei mostrar-lhe que podemos estudar a História da Educação sob um enfoque restrito, afeito à educação escolar, ou por uma perspectiva ampla, que se preocupa com os processos de formação advindos dos meios de comunicação de massa.

PRÓXIMA AULA

Pelo que você percebeu nesta primeira aula nós vamos estudar o fenômeno educacional tal como ele se configurou a partir dos tempos modernos. A instituição escolar, tal como você conhece hoje, foi criada desde os séculos XVI e XVII na Europa Ocidental. Também nessa época surgiram as mídias modernas, com a invenção da prensa gráfica. Assim, na próxima aula, eu vou explicar para você o processo de formação da escola moderna.



AUTO-AVALIAÇÃO

Refleta assim: fiz uma leitura satisfatória do texto, a ponto de dizer que os objetivos propostos pelo professor-autor foram por mim alcançados? Pense também se houve, da sua parte, dedicação para cumprir a contento com as tarefas propostas. Em suma, responda em seu íntimo: sou capaz de explicar a relação da História da Educação com a História?



REFERÊNCIAS

- FALCON, Francisco José Calazans. História Cultural e História da Educação. **Revista Brasileira de Educação**. v. 11 n. 32 maio/ago. 2006.
- FREITAS, Marcos Cezar (org.). **Historiografia brasileira em perspectiva**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- SIRE, James W. **O universo ao vado: a vida examinada**. Um catálogo elementar de cosmovisões. São Paulo: Editorial Press, 2001.
- TAMBARA, Elomat. Problemas teórico-metodológicos da História da Educação. In: LOMBARDI, Claudinei; SAVIANI, José Dermeval; SANFELICE, José Luís (orgs.). **História e História da Educação**. Campinas, SP: Autores Associados: HISTEDBR. 1998. p. 79-87.
- VIDAL, Diana Gonçalves. História da educação no Brasil: a constituição histórica do campo (1880-1970). Universidade de São Paulo. In: FARIAS FILHO, Luciano Mendes de. **Revista Brasileira de História**. Universidade Federal de Minas Gerais. São Paulo, v. 23, nº 45. 2003. p. 37-70.
- WALSH, Brian J. MIDDLETON, J. Richard. **La vision transformadora. La formación de una cosmovision cristiana**. Institute for Christian Teaching Education Department. General Conference of Seventh-day Adventists. Silver Springer, MD, EUA.